NOVELLAE OLIVARUM



ANO X / NOVEMBRO 1952 / N.º 99

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO ALVES CRISTÓVÃO
Redactores — DOMINGOS LUÍS MORAIS
— MANUEL MARTINS HEITOR
Proprietário e Editor — ALEXANDRE VILARINHO DAS NEVES
Administrador — JOÃO RABUGE GUERRA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

Sentido de um aniversário — Fernando Cristóvão 169

O Altar — A. B. Santos 174

Ouvindo o Padre Rétif — F. C.-A. J. 182

Da Iconografia Cristã... — A. Leitão 188

Bibliografia — A. C. 190

Crónica — F. M. 191

E. PINTO BASTO & C.A, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

CARVÃO

SEGUROS

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.A, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PÔRTO

ROSSIO, 93, 2.°
LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

Rua da Vitória, 82 a 88 — **Rua do Ouro, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas — Castiçais — Lâmpadas — Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS
CASAS DE BANHO
PÁRA-RAIOS

AQUECIMENTO CENTRAL
VENTILAÇÃO
ASCENSORES

ELÉCTRICAS
CONTRA INCÊNDIOS
TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

FUNDADA
EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PÔRTO
—— Rua das Flores, 69 ——

LISBOA
Praça dos Restauradores, 14

Livraria e Papelaria Moderna

Machado & Ribeiro, L.da

Livraria Católica Portuense

LARGO DOS LOIOS, 50 — **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros
Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 14$50 — Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 — História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00 — Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 16$00 — Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 16$00 — Caminho da Perfeição por Santa Teresa de Jesus, 16$00 — Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 15$00 — Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 — Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00—Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00 — Manual das Noviças, 16$00

Material escolar —— Peçam catálogos indicando o género de livros

Sentido de um aniversário

O aniversário que agora passa da eleição para Patriarca de Lisboa, do então Arcebispo de Mitilene, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, tem um significado profundo que ultrapassa o âmbito da história da Diocese, e se projecta no plano da história religiosa do nosso País, com repercussão internacional.

Dezoito de Novembro de 1929, é uma data que entra na história, não de um modo simples e indiferente como o de qualquer facto decorrido no tempo, mas de maneira dinâmica, enquadrando-se nas grandes linhas do processo histórico.

Situada no quadro geral da situação político-religiosa da Europa, imediatamente nos mostra o dedo de Deus, a dispor dos acontecimentos.

Com a Revolução Francesa, a situação da Igreja entrara num período perturbado e instável, causado pelas ideias revolucionárias que a pouco e pouco tinham minado a vida cristã, e desorganizado o próprio quadro social.

O liberalismo, pretendendo conciliar as ideias da Revolução com a Doutrina Católica, tinha agravado os males do regalismo, e criado uma mentalidade laica, desfavorável a qualquer tentativa de recuperação.

A série das espoliações aumentou, criaram-se entraves nas relações da Santa Sé com os vários Estados, até se chegar ao ponto de ferir o Papado na sua sede, pela usurpação de Roma e dos Estados Pontifícios.

A fraqueza da Europa não podia ser maior. Perante uma ofensa tão grave à consciência cristã, a reacção das nações que rivalizavam na fidelidade ao vigário de Cristo, orgulhando-se ainda dos títulos outrora merecidos, é quase nula.

Mas, a Barca de Pedro não pode sossobrar, e pelo Tratado de Latrão, «fecha-se enfim o parêntese aberto no desenvolvimento católico da Europa — em 1870» (1).

As Concordatas que a Santa Sé vinha fazendo com diversos países, tinham regulado as relações com os Estados, e estabelecido uma base de reforma. Mas, havia ainda uma grande obra a fazer, a da recristianização da Sociedade moderna, desorientada pela ideologia liberal, e por essa súmula de heresias a que se chamou «modernismo».

Embora a sua posição geográfica o preservasse de males maiores, Portugal não podia deixar de sofrer as influências do exterior, tanto mais que a barreira do Estado a isso se não opunha suficientemente, e a Igreja se encontrava algemada, muito embora com algemas de oiro.

À confusão que já vinha da época pombalina e atingira o auge nas lutas entre liberais e absolutistas, veio juntar-se a dos primeiros tempos da República, em aumento sempre até à Lei da Separação.

E se nos podemos regozijar por as coisas terem mudado favoràvelmente pela Constituição de 1933, e pela Concordata em 1940, em que se efectuou a «recíproca autonomia da Igreja e do Estado» «reintegrando Portugal nas fontes da sua vida espiritual» segundo a expressão de Sua Eminência, não podemos no entanto deixar de notar, com tristeza, que à semelhança do resto da Europa, as ruínas eram na Nação Fidelíssima, as mesmas.

Era urgente recristianizar este País em que o furor anti-clerical juntava ao temperamento ardente da raça latina, o sectarismo de um falso progresso que se dizia desiludido do Cristianismo.

A harmonização das relações com o Estado estava feita, mas faltava a reconciliação das consciências com a Igreja. Era preciso continuar o movimento de reforma que já se operava no final da monarquia, com os centros católicos e a Imprensa, desorganizado pelas perseguições da República.

---

(1) D. Manuel Gonçalves Cerejeira — Obras Pastorais — 1.º v., pág. 239.

É nesta perspectiva dolorosa, que devemos observar, no duplo campo nacional e internacional, o facto de 18 de Novembro de 1929.

No nosso País, o novo Cardeal Patriarca, realizou já, com todo o Episcopado, uma obra verdadeiramente notável.

A actividade de Sua Eminência, estende-se a todos os campos sociais.

Pensador profundo e humanista de valor, colocou inteiramente ao serviço da Igreja, os dotes e qualidades excepcionais com que Deus o dotou, recusando qualquer incumbência que o desviasse do rumo traçado.

Declinando o convite da Academia das Ciências para seu sócio correspondente, confessa: «... a um apelo de consciência, eu tive que abandonar os meus livros, para seguir só ao Senhor, pelos novos caminhos por onde Ele me chamava. E confesso-lhe que o fiz chorando... — mas alegremente, pois no fundo da minha alma me sentia feliz por ter alguma cousa que dar Àquele de Quem tudo recebi» (2).

E a obra de evangelização, recomeça pelos alicerces. Tão depauperada está a Diocese, que o obriga a exclamar: «A continuarem as coisas assim, não virá longe o tempo em que a nossa terra cristã, estará de todo convertida num cemitério de gloriosas tradições católicas e apostólicas, como aquelas brilhantes igrejas mortas do norte de África, que foram alumiadas pelo génio de Santo Agostinho....» (3).

Mas não desanima. Os Seminários surgem imediatamente, porque o problema do clero é angustiante, e os números têm uma eloquência que o optimismo não pode contestar.

O Patriarca de Lisboa, toma consciência da missão desta Sé, que na Capital do Império comandou o movimento de Evangelização, na era gloriosa das descobertas.

Tem-se exaltado, e muito justamente porque é ponto de partida para outras, a obra da reconstrução, e criação de novos Seminários, mas parece-me ser ainda maior, a da renovação da genuína mentalidade sacerdotal, um tanto obscurecida pelas vicissitudes políticas e religiosas. «O

---

(2) «Novidades», 15 de Junho de 1929.
(3) D. Manuel Gonçalves Cerejeira — Obras Pastorais — 1.º v., pág. 143.

vosso Bispo é cioso da vossa santificação, porque sem ela trairíeis a confiança de Jesus que vos escolheu, e seríeis uma tentação para as almas... Somos zelosos da vossa perfeição» (4).

Aos sacerdotes Sua Eminência se dirige frequentemente, em alocuções, retiros e contactos pessoais, tornando verdadeiramente sacerdotal, o prolongamento do seu sacerdócio.

Falando aos intelectuais, transparece nele o catedrático com todo o prestígio do seu nome, e dos ensinamentos que constituem directriz segura.

Aos jornalistas, por ocasião de vários aniversários, fala o paladino do «Imparcial», traçando com clareza e precisão, as linhas do jornalismo católico, e encorajando todos os que pela pena defendem a Igreja e lhe difundem os ensinamentos: «A vossa profissão é como que uma extensão do magistério da Igreja. Não podeis afirmar a vossa independência em face do magistério da Igreja de Cristo. Deveis apagar-vos para que seja Jesus Cristo a luz que ilumine tudo o que fizerdes» (5).

À juventude, cheia daquele optimismo generoso que lhe é próprio, o estudante dos tempos difíceis, sabe falar com o coração nas mãos, e despertar o entusiasmo das adesões calorosas à única verdade salvadora.

Falando à Acção Católica, o filiado do C. A. D. C. revive a batalha da reconquista, e são sem conta, as vezes que tem dinamizado reuniões e congressos.

E para todos, para as crianças, para a gente simples do povo, para a multidão dos fiéis, que põem confiantes os olhos no seu bispo, ele tem sempre uma palavra carinhosa, acompanhada de um sorriso.

Na sua mensagem do Natal, nesse saudoso quarto de hora em que milhões de portugueses espalhados por todo o mundo, têm o coração sintonizado com o da Pátria, há sempre uma palavra de esperança para todos os homens de boa vontade.

Ao cabo de trabalho persistente e bem dirigido, o panorama das almas tem-se ido transformando, traduzindo-se externamente nesta magní-

---

(4) Obras Pastorais — 1.º v., pág. 73.
(5) Alocução proferida no aniversário do jornal «Novidades» em 15 de Dezembro de 1928.

fica realidade de Obras Católicas, que a todos os sectores sociais levam a mensagem cristã.

O Patriarcado deixou de ser cemitério de almas, porque se operou nela uma Ressurreição.

A energia que o Cardeal Cerejeira imprimiu a toda a vida religiosa desta diocese amortecida, está hoje bem à vista.

Sem dúvida que ainda muito falta caminhar, para uma recristianização completa, mas há nos nossos Seminários, em todos os organismos da Acção Católica e Associações de Piedade, uma vitalidade única, um desejo ardente de cristianismo vivido, que é afinal uma garantia bem sólida para um futuro Portugal regenerado.

Ao mesmo tempo, que em Lisboa é o Bispo, Doutor e Mestre da verdade, aquele a quem a Santa Igreja confiou a pureza da fé e o cuidado da disciplina, o Cardeal Cerejeira não esquece as suas responsabilidades de príncipe qualificado da Igreja, atalaia vigilante, a prever e combater os erros.

A sua actividade internacional é notável. Para o provar estão essas viagens através da Europa, à América, à África e agora à Ásia, e as vezes que Sua Santidade o tem nomeado seu legado «a latere».

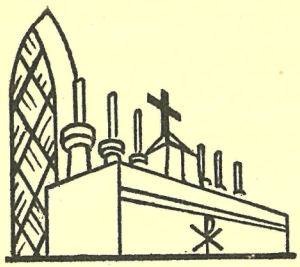
A doutrina dos seus livros e Pastorais, tem sido levada pela Imprensa e rádio a toda a parte. E não é sem certo orgulho, que deparamos com artigos seus, em revistas de responsabilidade.

*

A atitude da diocese, na data festiva que celebramos, não pode ser outra senão a de um agradecimento profundo, a Deus, Pai de misericórdia que nos mandou o Pastor de que nos orgulhamos, e a quem podemos tomar por modelo.

A dar vida às nossas manifestações exteriores, sobe ao céu a prece agradecida de quantos pedem ao Senhor a sua saúde e conservação, para glória do Seu nome e da Sua Igreja.

FERNANDO CRISTÓVÃO



O ALTAR

Ao prescrutar o mistério operado no altar, verificamos a união, que diàriamente se estabelece, entre Deus e o homem pecador. É a adesão da humanidade, ao sacrifício de Cristo, ali renovado, na adoração, na acção de graças, na súplica e na expiação. Deus, na pessoa de seu Filho, comunica-se ao homem e este, sobre o altar, coloca tôda a vida, com as alegrias e tristezas, dando sentido à própria existência. É a expressão mais sublime da vida cristã: Deus comunicando-se às criaturas, estas dando-se a Deus.

Sendo a unidade princípio de vida e de perfeição este acto é preponderante, na obra da santificação, já que, faz ver ao fiel, como deve orientar, para o alto, todas as energias e desenvolver a sua vida intelectual e moral em torno da ideia de Deus.

Após o pecado, perdidas as relações da amizade divina, o homem procurou o contacto com Deus pelo sacrifício, oferecido sobre o altar.

A renúncia voluntária a alguma coisa, por parte do oferente, era o reconhecimento da sua condição de criatura pecadora, num acto de adoração e súplica à misericórdia divina.

Mas é Cristo, que de modo condigno e eficaz, aplaca de vez a justiça divina, oferecendo-se Êle próprio, Sacerdote e Vítima.

Para perpetuar a memória desta imolação sangrenta, lega à sua Igreja um sacrifício visível, celebrado nos nossos altares, numa actualização viva do único sacrifício redentor.

Como outrora, à volta do Sinai, em que Yahweh se manifestou ao seu povo, para com ele estabelecer aliança e o tornar herdeiro dos bens, que lhes destinara, assim hoje, os cristãos se concentram em volta do altar, donde irradia toda a força espiritual da Igreja.

Pelo altar Deus chega até nós. Que se passa sobre ele? À voz do sacerdote, Cristo baixa ao altar, Deus transformado em alimento perene,

torna-se presente, no meio da assembleia cristã, para a unir a si mais intimamente.

O altar é o lugar do seu trono, da sua presença eucarística. É o centro, para onde devem convergir, com fé viva, os olhares de todos os cristãos. «O altar é o centro de tudo. É o centro da aldeia, da cidade, da humanidade, é o centro do mundo a quem dá sentido» (1).

Nós vamos a Deus pelo altar. Só por si, o homem não pode nunca elevar-se ao Infinito. A sua impotência não lhe permite transpor o natural.

Foi preciso Deus colocar-se ao nosso dispor para O atingirmos. «Toda a tentativa de aproximação de Deus é orientada para o altar, porque implica um sacrifício, que deve unir-se ao sacrifício de Cristo» (2).

Sendo Cristo o único mediador entre Deus e nós, só por Ele poderemos abeirar-nos de Deus. Esta aproximação requer, pois, uma estreita união a Cristo, no seu sacrifício.

Sobre o altar, Cristo está ao nosso dispor, para subirmos a Deus. E a vida só tem sentido, na sua completa doação ao Senhor. É o ofertório da missa a altura propícia, em que o Altíssimo recebe das mãos do sacerdote a hóstia, símbolo de trabalho, das lutas, da nossa vida inteira.

Dada a última relação entre o altar e Cristo, torna-se aquele como símbolo de Cristo. O altar da Santa Igreja é o próprio Cristo (Pontifical da ordenação do sub-diácono).

Altar é também o sacerdote, apresentando a Deus as orações dos fiéis. E, de igual modo, cada cristão deve ser altar, «onde se oferece a Deus o sacrifício da caridade» (3).

Todo o que mortifica o seu corpo, oferece-o como vítima, no altar da sua alma purificada, em que arde o fogo da caridade.

*
* *

O lugar central, no templo sagrado, pertence ao altar, para ele converge tudo, a estructura arquitectónica, a distribuição dos fiéis, os olhares de todos. É junto do altar que se desenrolam as funções litúrgicas. Purifica o sacerdote a alma, pela contrição, antes de subir os seus degraus,

---

(1) Jean Leclercq. Rev. Maison Dieu 29. «Le mystère de l'autel».
(2) Idem.
(3) Idem.

para logo o beijar. Dá-lhe as honras do incenso. Sobre ele consagra o pão e o vinho no corpo do Senhor.

Toda a vida sacramentária dimana, em certo sentido, do altar. Sem ele a Igreja perde a razão de ser.

A vida cristã estreitamente se relaciona com ele. É a grande testemunha dos passos solenes e decisivos da nossa rota humana.

Nos seus degraus, a criança trava o primeiro e grande encontro com Cristo, pela sagrada comunhão. Junto a ele, o clérigo formula solenes promessas, o sub-diácono contrai compromissos sagrados, o padre recebe o poder da eucaristia e das chaves, e o bispo a plenitude do sacerdócio.

A noiva perante o altar assume com o esposo a responsabilidade duma união indissolúvel.

A seus pés, vimos rezar a Deus luz para as horas sombrias e força para os transes difíceis.

Finalmente diante do altar, os restos mortais do cristão vêm suplicar a última bênção.

ARQUITECTURA, RUBRICAS E TRADIÇÃO

Ao iniciar-se a construção da igreja ou pensando-se na sua restauração, urge atender a vários factores simultâneamente. O menosprezo de qualquer delas, pode comprometer o resultado final. Importa tomar em consideração o local, o esforço requerido pelas funções litúrgicas, a assembleia, a mentalidade dos assistentes. A receita material de que se dispõe e os artistas e artífices a que recorrer não são factores para desprezar. Difícil se torna a concepção do altar para corresponder a todas as exigências expostas e portanto maior empenho requer.

Por um lado, são perigosos os exageros imprudentes do moderno, e a falsa compreensão teológica do jansenismo, que, por vezes transforma a porta do sacrário em grades de prisão!...

Mas há que reagir ambém contra a tendência, a que S. S. Pio XII, na encíclica «Mediator Dei» chama «arqueologismo». É a substituição das disposições actuais, pelas formas antigas, agora interditas, que lhes parecem interessantes. Pelo facto de até ao século XII não estar em uso o crucifixo, julgam por bem suprimi-lo do altar ou preferir a cruz nua ao crucifixo. Se, primitivamente, a celebração da missa tinha lugar sobre mesas, não é este o tipo único de altar.

É uma tentação que advem do estudo dos monumentos antigos, que, por exagerados, não fazem lei.

O ALTAR-MOR

No plano da edificação da igreja importa advertir, qual seja o número de altares e a sua colocação. Se o ideal é haver um só, não por mero regresso ao passado, mas para melhor traduzir a unidade de Cristo, desde que a necessidade postule a erecção de mais, é conveniente ainda, distinguir de todos os outros, o altar-mor, mesmo do altar da reserva, quando não se identificam.

O seu lugar é o mais central, evidenciando-se não só pela posição, mas pelas dimensões e ornatos. As devoções particulares não requerem altares, mas sim imagens.

As linhas arquitectónicas do edifício, convergem para ele. A distribuição da luz orienta-se em relação ao altar: o sol que se espalha em torno dele, não o deixa, no entanto, em contra-luz, dificultando aos fiéis presenciarem as cerimónias litúrgicas.

Contudo, o corpo da igreja permanece na penumbra, proporcionando ambiente à oração.

Em relação íntima, com o altar-mor, anda o problema da sagrada reserva. Se compete ao S. Sacramento o lugar mais digno, na igreja, este é, sem dúvida, o altar-mor (4).

Mas corre-se o perigo de os fiéis verem no altar um mero suporte de sacrário, objectar-se-á, quando, afinal, é o Calvário, onde se renova o sacrifício da Cruz.

A este propósito, oiçamos Mons. Costantini: «O altar Eucarístico é o coração do novo edifício, é dele que irradiam as ondas da graça. Por isso, o Tabernáculo deverá ser colocado nas pequenas igrejas, no altar-mor, nas grandes basílicas, em capela expressamente preparada e adequada. A liturgia antiga que empregava um altar voltado para o povo e sem Tabernáculo, enquanto a Sagrada Eucaristia era escondida em edículas especiais, evoluiu totalmente, sobretudo depois do Concílio de Trento. E não se voltará atrás» (5).

---

(4) Can. 1268 § 2.
(5) Comentário às directivas da Instrução do Santo Ofício sobre a Arte Sacra.

ALTAR-FIXO

O altar duma igreja deve ser «fixo», o que se torna obrigatório se aquela é consagrada (6).

O altar-fixo compõe-se da mesa e do suporte. Aquela há-de ser única e de pedra natural, que se não possa reduzir fàcilmente a pó, como o granito, o mármore. «Altaria nisi lapidea chrismatis unctione non sacrentur» (7). Sendo a pedra natural a única aceite não poderá sagrar-se um altar de briqué, terra-cota, ou confeccionado com pedras reunidas, como o cimento. Requer-se a unidade da pedra para simbolizar a unidade pessoal de Cristo.

A mesa do altar-fixo repousa sobre um suporte adossado ao solo. Para que o bispo possa ungir as junturas da mesa e do suporte, necessário se torna uni-los. Uma vez separados, o altar perde a consagração. Se o suporte é de alvenaria, pelo menos, as colunas dos ângulos devem ser de pedra natural (8).

O altar fixo possui uma cavidade, o sepulcro, onde o bispo consagrante depõe as relíquias. O sepulcro encontra-se normalmente, na parte superior da mesa. Pode, no entanto, situar-se no suporte ou imediatamente sob a mesa. As relíquias encerram-se num pequeno cofre de metal, juntas com três grãos de incenso e um pergaminho, em que o bispo atesta a consagração do altar. Remonta às catacumbas esta tradição de associar os santos ao sacrifício da missa, celebrado por vezes sobre o túmulo de mártires.

Daqui se originou o uso, sancionado pela lei canónica, de todo o altar consagrado encerrar relíquias de mártires e do mesmo costume surgiu provàvelmente a ideia do altar-túmulo.

Esta forma de altar, que não significa o túmulo de Cristo, não se impõe necessàriamente. «Toda a forma de altar é excelente se, num plano rectangular e segundo um desenho nobre e puro, significa que é diferente dum acto vulgar, o mais sagrado de todos, o que nele se realiza» (9).

Neste sentido deve ser interpretada a voz de S. S. Pio XII, na encíclica «Mediator Dei» quando se refere ao altar, declarando que não é preciso dar ao altar o aspecto de mesa.

---

(6) Can. 1197 § 2.
(7) Concílio de Epaone — 517; can. 1198.
(8) Can. 1198 § 2.
(9) Fr. P. R. Régamey O. P. «Arquitecture de l'autel», Rev. Maison Dieu.

Recusaram-se já projectos de novas igrejas, com altar-mesa. Mas a intenção do Papa não vai tão longe, porque a teria declarado expressamente.

É fora de dúvida que o altar primitivo, até ao século IV era uma simples mesa. E tanto assim, que no Egipto e na Síria, (séc. III) apresenta-se vulgarmente em sigma. É a forma da mesa de jantar siriana, rectangular dum lado e arredondada em semi-círculo do outro. Isto mostra, como a mesa de jantar, na sua variedade, foi adoptada para altar eucarístico.

Na própria Roma, os altares não começaram por ser túmulos. Um fresco, nas catacumbas de S. Calixto, apresenta um sacerdote consagrando o pão, sobre mesa pequena de um só pé. O sentimento de respeito, que lhes inspirava o augusto mistério, sugeriu, mais tarde, a ideia de se reservar para a celebração dum móvel especial em madeira.

É erro crer que habitualmente se celebrava o santo sacrifício, sobre a base horizontal do arcosólio, em cujo sarcófago, se encontravam, por vezes, os restos mortais de alguns mártires. O culto destes era, apenas, funerário. Não havia relação entre este e a Eucaristia. A missa era celebrada por ocasião do aniversário dos defuntos, mas «cellae memoriae», construídas, por cima das galerias das catacumbas.

No século IV, S. Dâmaso (+384) exalta o culto dos mártires, transformando-lhes o túmulo em altar, até mesmo nas criptas, como em S. Inês. Esta adaptação foi, certamente, uma condescendência com a devoção popular. A psicologia religiosa do povo, mostra como era forçoso unir os mártires a Cristo vítima.

A união dos confessores da fé, ao sacrifício de Cristo, fez prevalecer, em Roma e no Ocidente, o altar-túmulo ao altar-mesa. No entanto, são veneráveis uma e outra tradição.

Com dupla origem, de mesa de jantar e túmulo de mártir, o altar conserva essencialmente a forma de mesa, sustentada por colunas, como se vulgarizou na Idade-Média ou repousando, sobre urna de pedra, na Renascença.

A adaptação dos túmulos contribuiu para a generalização dos altares em pedra, matéria menos corruptível, e mais resistente que a madeira.

Para a celebração eucarística, de facto, nada há mais nobre do que uma mesa de pedra, sòlidamente construída, de belas proporções e isolada no templo sagrado.

Quanto às dimensões fazemo-nos eco do Fr. P.R. Règamey O.P. ([10]).

A função do altar deve ditar as suas medidas. A altura nunca será inferior a 95 cm. nem superior a 1 m. Requer, em comprimento, espaço suficiente para comportar, em cada metade, um corporal dobrado ao meio (25 cm.), um sanguíneo plissado em três (12 cm.), e a estante para o missal (50 cm.), resultando o espaço aproximado de 1 m. e 70. No entanto, é ridícula dimensão para o altar-mor. A dignidade dos actos litúrgicos exige maior amplidão. A largura mínima é de 50 cm. e cerca de 18 cm. para a banqueta.

Mais espaço requer, quando sobre ele assenta o sacrário.

A função do altar exige, ainda, certos pormenores, que passam despercebidos ao mais experimentado arquitecto.

Todo o altar deve estar colocado sobre um degrau ([11]). O altar principal há-de assentar sobre três degraus, na opinião unânime dos rubricistas. Mais de três dificultam os actos litúrgicos. Para que o altar se evidencie, tornando-se bem patente aos fiéis, levantar-se-á a capela-mor.

A plataforma superior (supedâneo) apresentará o espaço de um metro diante do altar, para que o celebrante, possa genuflectir ou assentar-se e na missa solene, o diácono tenha passagem, por detrás do sacerdote. O supedâneo é sempre mais comprido do que a mesa do altar, não estrictamente igual. O suporte há-de ser recolhido, sem grandes molduras ralientes, que dificultam os movimentos.

ALTAR PORTÁTIL

Este é formado por uma só pedra natural de modo a poder conter a hóstia e a base do cálix. É ornado, como a mesa do altar-fixo, com cinco cruzes, sobre as quais o consagrante faz as unções. Na parte superior apresenta uma cavidade destinada a conter as relíquias. A «pedra de ara» como vulgarmente se lhe chama, depois de consagrada coloca-se numa base fixa ou móvel, de pedra ou madeira, com garantias de estabilidade.

As dimensões do altar secundário podem reduzir-se a menos do que as indicadas para o altar-mor, nunca, porém, inferiores a 1 m. × 40 cm.

([10]) Art. cit.
([11]) S. C. 11 Jun. 1663.

Quanto a honras litúrgicas devidas ao altar e a cerimónias nele desenroladas, não se marca distinção entre o fixo e o portátil.

A base do altar móvel participa como a pedra consagrada do tributo do incenso na missa solene.

O bispo consagra tanto um como outro altar com um cerimonial riquíssimo de simbolismo. A pedra sagrada é a imagem da cristandade inteira e do próprio Cristo. Inútil, portanto, se torna lembrar como há-de ser digno, não já o material para o altar-fixo, esse é exigido nas prescrições litúrgicas, mas a matéria construtiva do altar secundário, evitando toda a falsidade duma caixa de madeira que esconde vassouras e, lixo...

Bem merece o trono de Deus um altar de pedra, completo, suporte e mesa. Em tantos casos é fácil, se nas devoções particulares se é parco e nas decorações se evitam inutilidades caras e de mau gosto.

A. B. Santos

Em todas as coisas da Liturgia devem resplandecer sobretudo estes três ornamentos de que fala o Nosso Predecessor Pio X: a santidade, que foge de toda a influência profana; a nobreza das imagens e das formas, servida por todas as autênticas belas artes; e a universalidade, que, conservando os legítimos usos e costumes locais, exprime a católica unidade da Igreja.

Pio XII na Encíclica Mediator Dei

Ouvindo o Padre Rétif



«Não posso ser Padre se não descobrir uma dimensão contemplativa na oração».

O Padre Rétif é a simplicidade em pessoa. Fomos encontrá-lo no seu quarto a meter rolo novo em minúscula máquina fotográfica.

Em cima da secretária, uma pasta aberta cheia de recortes de artigos seus em jornais franceses e os últimos números de algumas revistas. Ali estavam «Ecclesia», «Masses Ouvrières», que não se cansou de elogiar, «La Quinzaine», «Tèmoignage Chrétien», etc. E em breves minutos, enquanto o rolo ia entrando o P.e Rétif apresentou-nos um panorama completo das publicações francesas de interesse sacerdotal.

Descemos para o jardim. A tarde estava agradável e a conversa veio a derivar para um ponto em que ninguém como o P.e Rétif nos podia esclarecer: «Como se formou e desenvolveu a equipa sacerdotal de Colombes».

— «A equipa formou-se em Setembro de 1940. Até ali o P.e Michonneau era assistente da Juventude Operária; e uma vez nomeado pároco, introduziu em Colombes, o espírito e os métodos da Acção Católica. Assim o Sagrado Coração de Colombes ficou a ser paróquia missionária.

Sempre que se levantava um problema analisava-se à luz das duas realidades: paroquial e missionária.

Dividimos a Paróquia em regiões, para um trabalho mais eficiente. A divisão não foi artificial, mas baseava-se nas realidades do mundo do trabalho. Cada coadjutor ficava à frente de uma dessas regiões, de que era responsável. Mas todos trabalhávamos em conjunto.

Fomos muito auxiliados pelo P.e Godin, amigo íntimo do P.e Michonneau. Enquanto escrevia o conhecido livro «França, país de Missão?» vinha muitas vezes falar conosco e juntos discutíamos os problemas do apostolado.

Assim vivemos durante alguns anos numa colaboração íntima que produziu excelentes resultados».

Sabíamos que actualmente trabalham com a equipa sacerdotal de Colombes dois padres operários. Ora as últimas notícias que entre nós corriam sobre os padres operários davam como certo o encerramento do Seminário de Lisieux pela Santa Sé. Por isso a nossa curiosidade foi logo para este campo. Mas o P.e Rétif desmentiu formalmente:

— «Pelo contrário, estão em pleno desenvolvimento os dois Seminários, de Lisieux e o de Limoges. Simplesmente houve mudança de Superiores. Porque a «Mission de France» acaba de ser aprovada oficialmente, recebendo estatutos canónicos».

— E a propósito de padres operários, não encontram desconfiança entre os companheiros de trabalho? — perguntámos nós.

— «A princípio não sabem que são Padres. Quando o vêm a descobrir já ganharam a amizade dos companheiros e já o seu trabalho é eficiente.

Mas não me parece que os padres operários sejam uma solução para todos os países. Em Portugal, por exemplo, o essencial parece-me ser antes um esforço de Acção Católica, de aprofundamento de Acção Católica, Acção Católica da autêntica, pujante de vida cristã mas sem espírito de confraria».

*
* *

Ainda tínhamos bem vivas as palavras que na véspera o P.e Rétif nos tinha dirigido. E relembrámo-las: «Estamos numa época de confusão. Nas nossas Paróquias vivem juntamente praticantes, crentes, que se julgam da Igreja e descrentes que romperam com a Igreja. Mas os praticantes podem não ser cristãos. Os crentes não estão por esse facto no grémio da Igreja. E os descrentes podem estar longe da Igreja e perto de Cristo. Muitos se converteram à solidariedade operária e ao ateísmo como aliás poderiam ter-se convertido ao cristianismo. Na luta por um mundo me-

lhor descobriram a caridade. Hoje em dia há virtudes evangélicas fora da Igreja». O P.e Rétif voltou ao assunto:

— «É preciso distinguir: a caridade teologal ainda não entrou no vocabulário da classe operária. Caridade, para eles é esmola — ofensa ao pobre. O amor fraterno, o amor ao próximo, é uma virtude humana, não pode ser a caridade teologal. Mas quanto mais gratuito, mais se aproxima dessa caridade.

O mundo operário é mais aberto à solidariedade do que o mundo burguês, ainda que este seja mais praticante. O mundo operário está mais perto do Evangelho, mais penetrado de virtudes evangélicas, embora seja menos praticante.

Mas repito, essa união não é bem a caridade. Os operários são solidários, mas contra a burguesia e nisto já a solidariedade não é cristã».

— E qual o lugar do Evangelho numa formação para a vida?

— «Graças a Deus, estamos num período de redescoberta da Bíblia que para os cristãos está já a deixar de ser um livro misterioso. Mas se no mundo burguês cristão é difícil penetrar-lhe o sentido, pior ainda nos meios operários, menos cultos.

Os operários são positivos e não compreendem fàcilmente a mentalidade oriental. Temos de começar pelo mais acessível: o Evangelho. Expliquemo-lo aos adultos e através dele faremos com que descubram progressivamente todo o Antigo Testamento. E sempre com o fito de lhes criar uma maneira de pensar tal que em todo o desenrolar da vida saibam proceder de harmonia com as situações do Evangelho.

Ainda estamos longe de o conseguir. Os meios rurais cristãos, por exemplo, ainda conservam mentalidade do Antigo Testamento. Vão à missa para que Deus lhes mande chuva ou bom tempo. Ainda não penetraram na essência do Cristianismo».

— E como deveremos aproveitar a Liturgia?

— «É preciso fazer da missa o centro da vida paroquial. Porque o operário tem só o Domingo livre e tem todo o direito em o dedicar à família. Multiplicando os actos de piedade, apenas lá teríamos pessoas que não representam verdadeiramente o seu meio: tias, avós e solteirões?...

Portanto devemos aproveitar a Missa, fazendo dela o grande alimento da vida espiritual».

*
* *

Descemos então para alguns problemas concretos que o P.e Rétif analisa no seu livro «Catéchisme et Mission Ouvrière»:

— Como catequizar as crianças cujos pais se opõem à formação religiosa?

— «Bem vêem, é preferível nunca ter ouvido falar de uma coisa, a conhecê-la com ódio, porque então fica-se impenetrável à verdade. Ignorar tudo a respeito da Missa e do Papa não é tão prejudicial como estar convencido de que a Missa é uma invenção dos Padres e de que o Papa é um aliado do capitalismo.

Nunca devemos violentar os direitos dos pais. Por isso toda a nossa Catequese se movimenta no ambiente familiar. Logo a princípio perguntamos às crianças: Na tua casa fala-se de Deus? O que é que lá dizem a respeito da Igreja?». Isto é fundamental para conhecer o meio».

E o P.e Rétif mostrou-nos alguns curiosos cadernos da sua Catequese, onde todos os esforços convergem para a formação de uma mentalidade cristã nas crianças.

E de um modo bem original! Lançava um tema com várias perguntas, como, por exemplo: «O que pensas tu do Céu? O que pensam da Missa lá em casa?».

Às respostas das crianças acrescentavam-se os esclarecimentos necessários e ficava-se a conhecer admiràvelmente a índole e o ambiente espíritual de cada uma.

E a concluir:

— «Temos de levar as crianças a formarem um juízo cristão sobre todos os acontecimentos da vida de cada dia.

Às vezes ouvia-lhes dizer: «Na Catequese nunca ouvi falar do desemprego, nunca ouvi falar de Marcel Cerdan. E lá em casa não se fala noutra coisa!».

— E como agrupam as crianças para lhes dar esta formação?».

— «A base da organização está na arte de se aproveitarem os agrupamentos naturais. Temos de pegar em todos os amigalhaços de um grupo e fazê-los crescer a todos na caridade. Será muito proveitoso descobrir entre eles um cabecilha com autoridade que leve o grupo todo para Cristo. Não devemos violentar-lhes a natureza. Nem deixemos que confundam religião com boas maneiras.

*
* *

Demos com os olhos no número de «Masses Ouvrières», que continha um artigo do P.e Rétif sobre o contacto do Padre com os leigos, na Acção Católica. O autor esclareceu-nos:

— «Acaba de realizar-se entre nós o 1.º Congresso sobre as relações do Clero com o Laicado. Porque muitas vezes o Padre não sabe como situar-se na família operária. Há segredos da psicologia operária muito difíceis de atingir.

Dentro em breve vocês hão-de ir para a vida julgando saber tudo. E correm o risco de não atingir a classe mais baixa da Paróquia. Por razões psicológicas, no fundo. Com o pobre está-se sòzinho. E procura-se consolação junto de quem nos compreenda, nas classes mais cultas...

Ora a verdade é que nós precisamos dos pobres. Precisamos dos pobres porque nos ajudam a descobrir o nosso sacerdócio. Nos pobres temos de ver o coração sofrendo de Cristo. Temos de descer até junto deles, temos de penetrar nos seus problemas».

Ficámos ainda por algum tempo a ouvir falar o coração socerdotal do P.e Rétif. Quando fala do pobre, qualquer coisa há nele que à primeira vista transparece: a sinceridade das suas afirmações. Todo o seu coração vibra enquanto nos descreve as misérias de toda a espécie que atormentam os seus paroquianos. E foi ele que nos chamou a atenção:

— «Eu vim a Portugal para os Dias Pastorais da Diocese de Aveiro. Disseram-me que o Norte do País está muito industrializado, e que o Porto é o vosso principal centro fabril. Pois estou com grande interesse por entrar em contacto com os Padres do Norte.

Em Aveiro um dos pontos que vou salientar é o da posição do Padre diante dos vários problemas pastorais. É que devemos distinguir experiência humana e maturidade sacerdotal. Por experiência humana eu entendo o conhecimento que o Padre pode ter dos homens e dos meios segundo a experiência pessoal, o contacto directo, aquilo que o faz viver no mundo real. Esta experiência não é tão fácil de conseguir como parece à primeira vista. Porque as vossas férias nem sempre são bem aproveitadas. E a batina faz com que vocês se vejam já rodeados de um certo respeito exterior, legítimo, é certo, mas com o inconveniente de fazer com que o seminarista imagine um futuro menos apostólico, ùnicamente à

base dessa deferência externa que não reflecte respeito interior baseado em convicções.

E teremos um Padre cioso dos seus títulos e não uma alma de apóstolo que desça ao nível dos seus como Cristo se pôs também ao nível dos seus. Teremos a tentação de nos elevarmos em vez de nos colocarmos ao nível dos outros.

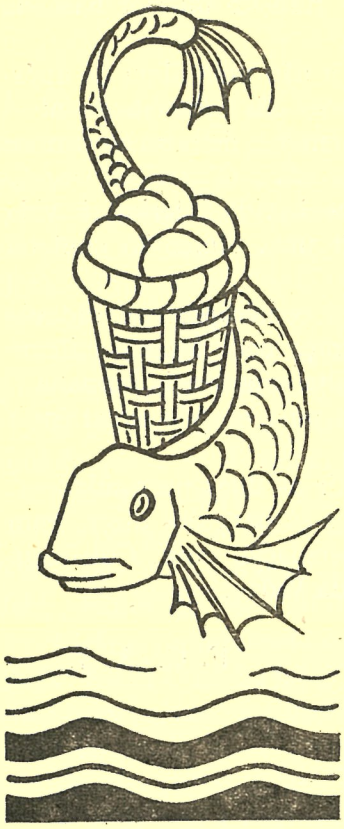
Por maturidade sacerdotal quero referir-me à vida interior, à vida mística. Não posso ser Padre se não descobrir uma dimensão contemplativa na acção.

O conhecimento da Sociologia e do homem contemporâneo são valores humanos que devem ter-se em conta. A graça pode fazer o milagre mas não violenta a natureza e a alguns padres falta experiência humana... Outros, pelo contrário, fazem naturalismo: têm uma grande experiência humana e pouca maturidade sacerdotal.

O ideal seria um realismo equilibrado a unir as duas necessidades».

Despedimo-nos. Mas o P.e Rétif voltou atrás só para nos dizer, num último adeus: «Meus amigos, nunca façam especulação pura. Coloquem a inteligência ao serviço da Pastoral, ao serviço da Vida».

F. C.-A. J.



DA ICONOGRAFIA CRISTÃ...

O Símbolo dos Pães e Peixes

Dos símbolos mais apreciados e que mais frequentemente aparecem entre a primitiva arte cristã, o Símbolo dos Pães e Peixes é, sem dúvida, um dos que mais chamam a atenção.

Era usado com tal insistência nos primeiros tempos do Cristianismo, que não podemos deixar de supor ser ele muito importante para os nossos irmãos de então. Mas, porquê? Qual será o atractivo ou catequese profunda que a tal os levaria? As pinturas que no-lo apresentam, são as mais variadas e expressivas dos primeiros séculos das catacumbas.

Umas vezes, é o Pão representado em pratos e com bastante simplicidade; outras, em pequenos cestos, quer venha juntamente com o vinho, quer não; bastantes vezes figura na cena da multiplicação em que o Mestre, ao centro do fresco, é Aquele Homem cheio de majestade, a tocar no pão com uma vara; frequentemente, porém, os artistas compraziam-se em pôr ao vivo a cena (descrita por S. João no último capítulo do seu Evangelho) da pesca milagrosa dos sete apóstolos a quem Jesus apareceu e com quem tomou uma parca refeição: — sete convivas, o Mestre no meio, Pão e Peixe.

Por aqui vemos que o Pão dava quase sempre a ideia da refeição ou banquete Eucarístico.

Mas como a par desta espécie eucarística se vê conjuntamente a representação do Peixe, é necessário descobrir o sentido íntimo que estabelece a ligação entre este e aquela. Isto não é difícil dado o que já sabemos da vida cristã dos primórdios da Igreja.

O Pão é o símbolo eucarístico por excelência; ninguém o discute.

O Peixe tem sido considerado, desde os tempos quase apostólicos, como um símbolo do próprio Jesus.

É interessantíssimo, a este respeito, o testemunho de Tertuliano que escreveu, por volta do ano 200, no seu tratado àcerca do Baptismo, estas felizes palavras: «*Sed nos pisciculi secundum «IXθYN» nostrum Jesum Christum, in aqua nascimur, nec aliter quam in aqua permanendo salvi sumus*». «Mas nós peixinhos segundo o nosso «*IXθYC*» (PEIXE) Jesus Cristo, nascemos na água e não somos salvos se não permanecermos na água», isto é, na graça que recebemos pelo Baptismo.

À palavra «*IXθYC*» (PEIXE) foi atribuída, mais tarde, um sentido profundo e misterioso que Santo Agostinho desvenda no seu livro «De Civitate Dei» (XVIII, 25) «Das cinco palavras gregas *IHCOUC XPEICTOC θEOU YIOC CΩTHP* ou Jesus Cristo Filho de Deus Salvador se juntarmos apenas as iniciais, temos formada a palavra «*IXθYC*» (PEIXE), nome místico de Jesus Cristo que, nos abismos da nossa mortalidade, como no profundo do mar, permaneceu vivo, isto é, imune de pecado».

Nas catacumbas podem ver-se estes símbolos. Uma das criptas mais célebres e mais antigas do cemitério de S. Calisto, a cripta de Lucina, (séc. II) é particularmente rica em representações de pão e de peixes.

O sentido real e profundo que mostra a íntima relação entre o simbolismo dos pães e o dos peixes é, afinal, indicado por uma frase cheia de graça e verdade que se lê num autor dos nossos dias: «O conjunto dos frescos das catacumbas permite-nos formar a seguinte equação:

Pão e Vinho = «IXθYC»
Pão e Vinho = «CRISTO»

Compreendemos agora como os primeiros artistas cristãos se inclinaram tanto para estes motivos; não era que eles se apresentassem ricos de emoção estética, mas sim ricos de sã doutrina.

Vai nisto um belo exemplo para os artistas cristãos do século XX.

Cristo prometera: «Quem comer a minha carne e beber o meu sangue, viverá eternamente». Ah! como esta doutrina era bem vivida nos primeiros séculos! Por isso, em vez de «Madalenas chorosas» ou «cruzes truncadas», souberam eles pôr, junto dos túmulos, algo que recordasse estar ali, não um morto, mas a roupagem duma vida que tem de entrar, limpa e só, no Reino de Jesus.

Peçamos ao Divino Pão que nos sacie para a Eternidade.

Peçamos ao Divino Peixe — Pescador Divino também — que nos faça peixinhos da Sua divina rede.

A. LEITÃO

BIBLIOGRAFIA

«A Cantar se aprende e reza» — Música de D. Lucien David, letra de Isabel D'Orey Gomes da Costa — Edições Alpha et Omega — R. Eugénio dos Santos, 30 — Lisboa.

Há já algum tempo que estamos assistindo a um belo esforço da pedagogia infantil, por tornar a catequese mais eficiente, de molde a penetrar duma maneira duradoira, na alma das crianças.

Os jogos, a modelagem, os trabalhos manuais, têm sido outros tantos centros de interesse a prenderem os petizes e a desenvolverem neles as aptidões naturais, tornando a catequese realmente viva.

Mas somos forçados a reconhecer que acima de todos, a música continua sendo o grande meio de atracção e instrução.

Por isso, é particularmente benvindo o livro que agora vê a publicidade «A Cantar se aprende e reza».

Diz no prólogo D. Maria Teresa Navarro, que cantar é tão natural nas crianças, como chilrear o é nos passarinhos; e ou nós, desde bem pequeninos, lhes ensinamos o geito de cantigas simples e cristalinas, ou cedo os seus lábios se habituarão a outros cantares, daqueles que servem só para roubar a frescura às suas almitas em botão.

De facto, o problema não pode ser enfrentado de outro modo. É preciso substituir na boca das crianças, as canções que nem da boca dos adultos gostamos de ouvir. Estamos certos de que estas melodias, pela simplicidade e beleza que encerram, hão-de conseguir esse resultado.

* * *

O livro está dividido em cinco partes, segundo a matéria do ensino: Dogma, Graça, Moral, Ano Litúrgico e Páginas da História Sagrada.

A música é de D. David, bastante conhecido entre nós, e a letra de Isabel D'Orey Gomes da Costa.

Sobretudo na última letra: «Para cantar na escola», a autora foi muito feliz, tendo já a canção do A, E, I, O, U, grande voga nas catequeses do Seminário.

A. C.

CRÓNICA

De novo...

Veio Outubro e já nos encontrou dados a novo ano de trabalho.

Os primeiros dias, vivemo-los no recolhimento dos exercícios espirituais. Pregou-os Frei Abel Correia Pinto, O.F.M., com palavras que possui não só a virtude de comprazer mas ainda a de frutificar. Boa semente foi a lançada, e excelente foi o semeador. Do terreno se dirá no andar dos dias, uma vez que Deus não nos faltará com a chuva das suas graças e o sol do seu amor. Assim Lhe rogámos no dia 4 ao começar dos trabalhos escolares com a Missa Solene do Divino Espírito Santo.

*
* *



E as aulas começaram. A uns preocupam os problemas cosmológicos e metafísicos; a outros, as responsabilidades da ciência teológica; a todos preocupa a formação quotidiana, de minuto em minuto, dos que hão-de ser a Luz do Mundo e o Sol da Terra.

D. Policarpo da Costa Vaz

Também nós nos regozijámos com a nomeação de Sua Ex.ª Rev.ma para Auxiliar do nosso Eminentíssimo Prelado.

E foi com esse regozijo que, após a recepção feita em Lisboa a Sua Ex.ª Rev.ma, o esperámos à entrada do Seminário.

Residirá junto de nós. Mais uma Bênção de Deus estará conosco.

A Sua Ex.ª Rev.ma que do Porto veio para Lisboa, coberto de glória e veneração, desejamos todos as mais abundantes bênçãos do Céu, para que, nesta Diocese, tenha largo e fecundo apostolado.



Catequeses

Começaram a 16 de Outubro. Sacavém, Olivais, Encarnação e Moscavide.

«Docendo discimus», diz-nos o velho e experiente latim. Ensinamos e aprendemos. Dando à pequenada o testemunho de Cristo, fruímos do seu contacto experiências para o futuro e algumas lições para o presente.

Dias antes, em reunião de toda a comunidade, inaugurara-se o ano de trabalhos catequéticos. Convidado por Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Cónego Gregório Neves — propulsor entusiasta do movimento de catequese — veio falar-nos o Rev.mo Padre Canas. As suas palavras experientes e convictas traçaram-nos as ideias-mestras da verdadeira catequese: Vida, mais que Ciência.

Cristo-Rei

Aos espíritos desvairados dos homens que retiram Cristo das almas, das famílias e das nações, apresenta a Igreja todos os anos a Festa da Realeza do mesmo Cristo.

«É eterno o Seu Poder que ninguém suprimirá; o Seu Reino jamais será destruido» canta a Liturgia.

Consagrado a Cristo-Rei é o nosso Seminário, porque dele saiem os que se dedicam à dilatação do Reino de Deus.

Dia solene, portanto, no Seminário o de Cristo-Rei; e assim foi o último domingo deste Outubro.

Não obstante a Polifonia ter de cantar o Pontifical na Sé, foi solenizada a missa na nossa Capela. Cantámos a Realeza do Cordeiro e rogámos a união das nações sob o Império suavíssimo de Cristo ali reinante no Cálix e na Patena.

À tarde, estivemos na Sé a participar do solene «Te Deum» em presença do braço de S. Francisco Xavier — Cavaleiro conquistador que dilatou pela Índia e Japão o Reino de Jesus.

A cargo do Coro Polifónico do nosso Seminário, regido pelo N. P. Viçoso Freire, o «Te Deum», que Sua Eminência entoou, foi cantado com a alma em prece, enchendo as naves da veneranda Sé Patriarcal de louvor a Deus Senhor e Dominador.

Academia de Sto. António

Reabriu e com bons prometimentos. Disse-o o novo presidente, Rev. Fernando Alves Cristóvão; atestou-o a sessão inaugural; e a tanto incitou Sua Ex.ª Rev.ma, o Senhor Cónego Vice-Reitor que a esta presidiu.

Além das palavras do Rev. Fernando Cristóvão situando lìdimamente a Academia no lugar coadjuvante a par dos estudos teológicos e filosóficos e exalçando-lhe a utilidade na formação cultural dos futuros sacerdotes, a sessão desenrolou-se num programa cheio de interesse. Encastoados em música selecta recordaram-se os inícios da Academia que estão já a 18 anos de tradição e de contributo para a ciência dum clero renovado. Ainda um grupo de académicos da Secção de Filosofia interpretou primorosamente alguns trechos do nosso cancioneiro popular. E, enfim, deu-se começo a um «inquérito» sobre conhecimentos culturais com fins de concurso.

No encerramento desta primeira sessão dirigiu o Senhor Cónego Vice-Reitor as ditas palavras de incitamento à mesa actuante e a todos os alunos académicos.

A Voz do Pastor

«Nosso Senhor Jesus Cristo precisa de rapazes prontos a consagrarem-se-Lhe em plena liberdade, com todo o ardor, com todo o entusiasmo de que são capazes».

Assim nos falou, como sempre nos fala, Sua Eminência. Sente-se-lhe na voz o amor de Pai que nos devota. As palavras, di-las e ecoam-nos fundo; mais fundo, porém, nos fala o seu olhar de Pastor que deposita em nós, esperançadamente, as necessidades da Igreja Lisbonense.

É impossível a indiferença ao seu clamor. As suas primeiras palavras deste ano são ideal de toda uma vida:

«Não falta quem diga que a mensagem de Cristo falhou; que a Igreja já não tem nada que dizer ao mundo. Mas vós acreditais em Nosso Senhor Jesus Cristo; amais Nosso Senhor Jesus Cristo. Porque acreditais, temos a certeza e que podeis oferecer ao mundo a mensagem da salvação. Porque amais Nosso Senhor Jesus Cristo, entregais-vos, dais-vos totalmente, porque sabeis que ninguém como Cristo merece ser servido e amado.

Padre Rétif

É realmente uma bênção o estarmos em situação geográfica excelente para comunicarmos com tantos valores de pensamento e da vida católica. Lisboa fica-nos vizinha e o Aeroporto é a dois passos.

Desta vez, coube-nos a felicidade de sermos visitados e de ouvirmos o P.e Rétif.

Falou-nos da ignorância acerca do Padre; de que importa chegarmo-nos às classes pobres para que elas não tenham o Padre por «um burguês, um que estudou e não nos sabe estudar, um que não fala à nossa maneira nem mesmo nos compreende».

Falou-nos de como agir para que tais preconceitos se desfaçam; dos sacramentos, que lhes devem mostrar o Padre como Pai e não como funcionário de casamentos e baptismos.

«Não são eles que precisam de mim; sou eu que preciso deles — o que é diferente».

Isto nos disse o Padre Rétif, porque isto aprende e pratica na sua Paróquia de Colombes.

Arriba, España!



Foi um atrevido «lapsus memoriae» que fez sair a última crónica sem se falar da visita que nos fizeram os nossos irmãos, seminaristas de Salamanca.

Mas fale-se agora, que ainda é bem viva a lembrança do facto! — Foi nos derradeiros dias do passado ano lectivo. Andávamos nós cirandando nos últimos arrumos dos livros. «Nuestros hermanos», esses gozavam já das merecidas férias. Vinham de Salamanca, como no ano anterior, a visitar Portugal. E andavam satisfeitos: — Es maravilhoso, el Portugal!

Foi de irmãos o nosso contacto. Nem as línguas se opuseram ao estabelecer de amizades. E cantámos dum e doutro lado! E jogámos um sempre renhido Portugal-Espanha em futebol! (Diga-se, em parêntese, que, desta, folgámos nós com oito bolas na «portaria» espanhola contra uma nas «malhas» portuguesas...).

Benvindos sempre a Portugal e ao nosso Seminário!

F. M.

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS

E

TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

Casa fundada em 1866

SOUSA TAVARES, L.DA

220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

Pratas de arte, jóias, bronzes artísticos, pratarias para o Culto

realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.

Fornecem-se orçamentos
Preços módicos
OURIVESARIA ALIANÇA
Celestino da Motta Mesquita
Proprietário

Sede:
Rua das Flores, 191 a 211
PÔRTO

Filial:
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços-Exclusivos
Secção de cachecois e lanifícios de côr
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

Cafés
Chás
Farinhas
Cevadas
Chocolate
Cacau
Pudins
Flocos de Aveia
O melhor que se produz e se prepara, é o que vende
A Mariazinha
Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Lisboa
Rua Barros Queiroz, 28
Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

TRABALHO DA NAÇÃO
PARA A
ECONOMIA DA NAÇÃO



UM ESFORÇO DIÁRIO DE
800
PORTUGUESES

S A C O R

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

SOCIEDADE INDUSTRIAL
METALÚRGICA
R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

MÁRMORES
E CANTARIAS

Pardal Monteiro, Limitada

(Casa fundada em 1888)
Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO
EM LISBOA:
Estrada de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

CASA FÂNZERES

OFICINAS DE IMAGENS, PINTURAS,
DOURAMENTOS E OBRAS DE TALHA.
RESTAUROS. PINTURAS DE TELAS
E CETINS. ARTIGOS DE METAL.
RUA DO SOUTO, 134 – BRAGA
TELEFONE 2704

CASA PORTUGUESA

Grandes oficinas gráficas

Composição mecânica

RUA DAS GÁVEAS, 103

TELEFONES P. B. X. 21271-27817

LISBOA

A TOSSE



COM

BENZO-DIACOL